

Acampamentos de luta pela terra: os lugares da resistência

Júnia Marise Matos de Sousa

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil
e-mail: junia.sousa@ufv.br

Resumo

Este artigo teve por objetivo construir uma etnografia dos acampamentos, a partir das experiências do cotidiano das famílias, destacando aspectos da motivação para a luta pela terra, a caracterização do acampamento, suas regras e relações sociais estabelecidas, bem como os relatos mais marcantes. Os dados utilizados para esta etnografia foram construídos em Sergipe, no ano de 2008, a partir de visitas em 03 (três) acampamentos, a partir da observação participante, registros do “caderno de campo”, registros fotográficos e grupos focais, envolvendo 118 famílias. Os dados foram sistematizados e analisados usando a técnica de análise do conteúdo. Os resultados revelam que diversos autores descreveram os acampamentos como sendo os lugares de materialização da luta pela terra, comum em suas configurações e estratégias. Mas é inegável que todos convergem na luta contra a má ou nenhuma distribuição de terras, oriunda de um capitalismo excludente, na tentativa de sobrevivência entre as condições objetivas e as subjetividades da construção do ser social.

Palavras-chave: famílias; acampamentos; luta pela terra; reforma agrária; etnografia.

Land-fighting camps: the places of resistance

Abstract

This article aimed to build an ethnography of the camps, based on the daily experiences of families, highlighting aspects of motivation for the struggle for land, the characterization of the camp, its rules and established social relations, as well as the most striking reports. The data used for this ethnography were constructed in Sergipe, in 2008, from visits to 03 (three) camps, from participant observation, records from the “field notebook”, photographic records and focus groups, involving 118 families. The data were systematized and analyzed using the content analysis technique. The results reveal that several authors described the camps as the places where the struggle for land materialized, common in their configurations and strategies. But it is undeniable that everyone converges in the fight against bad or no distribution of land, derived from an exclusive capitalism, in an attempt to survive between the objective conditions and the subjectivities of the construction of the social being.

Keywords: families; camps; struggle for land; land reform; ethnography.

Campos de lucha: los lugares de resistencia

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo construir una etnografía de los campamentos, basada en las experiencias diarias de las familias, destacando aspectos de la motivación para la lucha por la tierra, la caracterización del campamento, sus reglas y relaciones sociales establecidas, así como los informes más llamativos. Los datos utilizados para esta etnografía se construyeron en Sergipe, en 2008, a partir de visitas a 03 (tres) campamentos, de observación participante, registros del “cuaderno de campo”, registros fotográficos y grupos focales, que involucraron a 118 familias. Los datos fueron sistematizados y analizados utilizando la técnica de análisis de contenido. Los resultados revelan que varios

autores describieron los campamentos como los lugares donde se materializó la lucha por la tierra, común en sus configuraciones y estrategias. Pero es innegable que todos convergen en la lucha contra la mala o nula distribución de la tierra, derivada de un capitalismo exclusivo, en un intento de sobrevivir entre las condiciones objetivas y las subjetividades de la construcción del ser social.

Palabras-clave: familias; campamentos; lucha por la tierra; reforma agraria; etnografía.

Introdução

Para Sousa (2009), a questão agrária brasileira pode ser compreendida como um conjunto de processos históricos, de caráter político, econômico e social, que tem suas origens na colonização do país pelos europeus e que define basicamente pela concentração de terras nas mãos de poucos, pelo grande contingente de trabalhadores rurais que não têm acesso à terra e às condições dignas de sobrevivência. Segundo Oliveira (2005), todo este processo está vinculado ao desenvolvimento do capitalismo, que se faz de forma desigual e contraditória, que tem como parte constitutiva a concentração da propriedade da terra. Ao concentrar a terra, o desenvolvimento capitalista empurra uma parcela cada vez maior da população rural para as áreas urbanas, acentuando o êxodo rural e aumentando o contingente de pobres e miseráveis. Eis o sentido da luta pela terra.

Portanto, a luta pela terra é um tema relevante no espaço acadêmico e não acadêmico, que no Brasil assume caráter histórico e emblemático, tendo em vista a grande concentração fundiária e a reforma agrária, política pública ainda ineficiente. Milhares de trabalhadores do campo lutaram (e continuam lutando) para obterem acesso à terra, bem como às condições necessárias para que nela e dela possam sobreviver com dignidade. Em sua maioria, esta luta se processa com a organização destes trabalhadores nos acampamentos, espaços compreendidos como os lugares da luta e resistência.

Esta realidade também é observada em Sergipe, na Região Nordeste, que é marcada pela histórica concentração de terras e que se apresenta como palco de luta pela terra, tendo os movimentos sociais organizados como os atores principais, que se configuram em acampamentos espalhados por todo o estado.

Neste contexto, são vários os elementos e possibilidades para a compreensão deste lugar denominado acampamento. Para fins deste estudo, buscou-se construir uma etnografia dos acampamentos, a partir das experiências do cotidiano das famílias que nele vivem, destacando aspectos da motivação para a luta pela terra, a caracterização física do acampamento, suas regras e as relações sociais estabelecidas entre os acampados, bem como os relatos mais marcantes deste trabalho de campo.

Os dados utilizados para esta etnografia foram construídos em Sergipe, no ano de 2008, a partir de visitas em 03 (três) acampamentos localizados na região Leste, a partir da observação participante, registros do “caderno de campo”, registros fotográficos e Encontros Diagnósticos com base nos grupos focais, envolvendo 118 famílias acampadas. Os acampamentos foram: Amigos Para Sempre, localizado no município de Estância, organizado pelo Movimento Sem Terra (MST), com 46 famílias; D. Jose Brandão de Castro, em Brejo Grande, organizado pela Cáritas Diocesana, com 47 famílias; Mochila, em Japarutuba, organizado pela Federação dos Trabalhadores de Sergipe (FETASE), com 25 famílias. Os dados foram sistematizados e analisados, compondo assim este artigo.

Importante destacar que este artigo especificamente, é parte não publicada da pesquisa que deu origem à tese de doutorado intitulada “Do acampamento ao assentamento: uma análise da reforma agrária e qualidade de vida em Sergipe”, defendida em dezembro de 2009, no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, de autoria da pesquisadora Júnia Marise Matos de Sousa, onde podem ser extraídos maiores e aprofundados conhecimentos sobre o tema.

Para fins deste artigo, propõe-se foco na etnografia do lugar acampamento e o viver neste espaço de luta e resistência. Inicialmente se apresenta uma proposição teórica para a construção etnográfica e o olhar escolhido para a compreensão do acampamento. Posteriormente busca-se resgatar a origem da luta e motivação dos trabalhadores acampados, caracterizando de modo geral o lugar acampamento, suas regras e relações estabelecidas. Por fim, apresentam-se os relatos das mais marcantes experiências vividas pela pesquisadora durante o trabalho de campo, bem como as suas impressões sobre a realidade dos acampamentos e famílias acampadas.

O lugar acampamento e um olhar antropológico

Vários autores discutem os acampamentos enquanto categoria analítica, a exemplo de Maria Garcia Franco, Gonçalves Honório, EuardRelph, Mônica Iha, Ligia Sigaud, Loera e Maria Cecília Turatti, Júnia Marise Matos de Sousa e muitos outros. Como ponto de partida, estes autores nos proporcionam a compreensão dos acampamentos como os lugares de materialização da luta pela terra.

A discussão sobre a construção do lugar a partir das relações sociais é bastante vasta, sendo ancorada em diversos autores como Santos (1997); Bauman (2002); Agier (1998). Para estes, o lugar é construído a partir das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e das experiências cotidianas e espaços vividos, sendo repletos de sentimentos e

de representações, tensões e conflitos. Azevedo (2007) se refere ao lugar enquanto categoria espacial concebida a partir da noção/idéia de pertencimento a um determinado espaço ou sociedade. Ou seja, a identidade sob essa ótica se forja a partir da interação do indivíduo com a sociedade. Para o autor, a concepção de lugar está relacionada ao espaço em si, Capel associa este espaço às experiências vividas. Para Capel (1981, p.444), lugar “*el ámbito de la existencia real y de la experiencia vivida*”.

Com base neste aporte teórico, esta é a lente que se propõe para a compreensão dos acampamentos. Acampamentos que se originam de motivações que convergem e fazem a luta, da criação e recriação das relações singulares de convivência que se estabelecem neles, das percepções singulares que ultrapassa os limites do que é dito, mas que pode ser percebido naturalmente.

Nesta perspectiva, o olhar antropológico permite ao pesquisador conhecer as singularidades tão relevantes e que propiciam compreensão maior do fenômeno. De acordo com Oliveira (2000), cabe ao antropólogo o olhar acurado e domesticado que seja capaz de olhar, ouvir e escrever, processos estes permeados de conflitos e contradições que possibilitarão avançar rumo ao horizonte que lhe é próprio.

Para tanto, a etnografia que aqui se propõe, assim como qualquer outro método, deve ser bem estudado, detalhado e aplicável à realidade no sentido de dar respostas às questões. Becker (1999), ao discutir os métodos de pesquisa em ciências sociais, busca incentivar os pesquisadores a formularem seus próprios métodos de maneira que se adéquem aos seus próprios problemas e ambientes. Neste sentido, para compreender os acampamentos a partir de uma perspectiva qualitativa, optou-se pela construção desta etnografia, que conjugou espaços coletivos e individuais de diálogo, bem como de observação participante, que possibilitaram a leitura e compreensão desta realidade apresentada.

Para Sigaud (2005) ocupar terras e nelas montar acampamentos é, em nossos dias, a forma apropriada para reivindicar a reforma agrária no Brasil e dela se valem as organizações do mundo rural, como o MST e o movimento sindical. O Estado tem conferido legitimidade à pretensão dos movimentos ao desapropriar as terras ocupadas e redistribuí-las.

A autora realiza vários estudos sobre acampamentos em Pernambuco, estado grande número de ocupações de terras e onde se registra concentração expressiva de acampamentos, instalados em grandes plantações produtoras de cana-de-açúcar (SIGAUD, 2005). Acampamentos são portanto muito mais do que lugares de vida, que de acordo com a autora

Os acampamentos eram, portanto, muito mais do que a mera reunião de pessoas para reivindicar a desapropriação de um engenho. Compreendiam técnicas ritualizadas de realizar a ocupação, uma organização espacial, uma etiqueta para entrar no acampamento e nele se instalar, regras para ali conviver, um vocabulário próprio e elementos dotados de forte simbolismo, como a bandeira e a lona preta, que constituíam os marcos distintivos. Essa combinação de aspectos modelares constitui uma forma, a forma acampamento (SIGAUD, 2005, p. 260).

Para Sousa (2009), o acampamento é o lugar, singular em suas particularidades e objetivos, nas suas relações e estratégias de luta e conquista da terra. Não é apenas um espaço físico ocupado por lonas pretas, organizados em fileiras à beira das estradas. É o mundo que se reconfigura no imaginário daqueles que sonham com a reforma agrária.

Nesta perspectiva, importante compreender não apenas o acampamento como também o acampado, como um ser social, imbuído de subjetividades e objetividades na relação que se constrói com o seu lugar e com os demais que ali habitam. Eis o sentido da totalidade.

Na relação entre este ser social, a natureza e os demais homens, temos o trabalho enquanto mediação fundamental, que determina a atuação deste homem no mundo, tendo por base suas condições sócio-históricas, culturais e econômicas, numa relação dialética. Assim se constrói a maneira como agem e expressam não apenas as suas individualidades, mas também a sua totalidade. Para melhor compreensão desta relação de individualidade humana na perspectiva da totalidade, partindo ainda de sua vinculação com a classe social, as interpretações do antropólogo italiano Massimo Canevacci, que trata a individualidade humana na perspectiva da totalidade, sem desvinculá-la da noção de classe social.

Canevacci (1984) aborda a perspectiva da “totalidade”, tanto em termos das determinações sócio-político-econômicas, como na compreensão sobre o próprio indivíduo. O autor alerta para a necessidade de “evitar riscos”, ou seja, de não “alucinar a crítica da economia política” e de não absolutizar a classe social em detrimento do indivíduo, do homem concreto, em suas determinações específicas de raça, de sexo, de cultura etc. Como antropólogo, é fundamental a diferenciação para a qual nos chama a atenção: A dialética entre “autoconsciência do indivíduo” e “autoconsciência social”, possível na medida em que se tome consciência dos outros indivíduos e principalmente da “substância secreta que legitima o reconhecimento da individualidade para alguns e a exclui para outros: a propriedade” (CANEVACCI, 1984, p. 9).

Ao fazer suas críticas, Canevacci propõe a necessidade de incorporar a perspectiva da totalidade, dizendo que a “fundação materialista da subjetividade” deve passar por uma redefinição que considere tanto as análises de ordem estruturais quanto as de ordem naturais (ou culturais) da estratificação de classes, pois uma não anula e nem supera a outra.

Os apontamentos apresentados por este antropólogo nos remetem questões fundamentais, nas quais o indivíduo não pode mais ser considerado exclusivamente em função da determinação econômica, pois ele sofre, vivencia e se objetiva também em outras esferas da vida. E é nesta perspectiva que se propõe a analisar os diálogos e a realidade dos acampados em Sergipe.

A origem e motivação da luta nos acampamentos

De acordo com Sousa (2009) o lugar acampamento, singular em suas particularidades e objetivos, nas suas relações e estratégias de luta e conquista da terra, não é apenas o espaço físico ocupado por lonas pretas, organizados em fileiras à beira das estradas. É o mundo que se reconfigura no imaginário daqueles que sonham com a reforma agrária.

Loera (2006) corrobora ao mostrar os significados e motivos de pessoas que, embora coordenadas pela disciplina e pelos valores de uma organização social, ocupam terras para realizar sonhos e ter perspectivas de “ganhar a terra, manobrar ela”, “ter um pedacinho de terra e liberdade”.

Os diálogos com os acampados revelam que, em sua maioria, foram motivados para a luta a partir das condições difíceis de manterem nas cidades e suas periferias. Um fenômeno comum é relatado pelos acampados, que diz respeito ao primeiro contato com os organizadores da luta. Cada família, direta ou indiretamente, foi de alguma forma envolvida e mobilizado pelos movimentos sociais e a partir de então, ingressaram na luta. “Nestes casos, famílias relatam que ouviram um carro de som” chamando os trabalhadores para reunir e discutir sobre terra para trabalhar, terra para os trabalhadores. E a partir deste chamado participaram então de uma primeira reunião, na qual ouviram falar sobre o que era a tal reforma agrária e possibilidade de ter acesso à terra.

Sobre esta motivação, é evidente que o sonho da terra é a mola propulsora para que, mediante ingresso nos movimentos sociais diversos, o trabalhador decida ocupar uma determinada terra que é passível de desapropriação para fins de reforma agrária, junto com sua família, passando a integrar uma nova realidade, uma nova identidade: A de “sem terra”!

Os sonhos são muitos e mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas, entre elas a ameaça de morte por parte de fazendeiros e reintegração de posse, as famílias se instalam em barracos que normalmente são feitos de lona preta ou outros materiais e seguem numa nova rotina de vida. De todos os sonhos, receber a terra é o que viabiliza todos os demais e motiva a permanência numa longa fila de espera, que a exemplo dos acampamentos visitados, pode durar até 12 anos. Uma espera sem fim, mas que é o único

caminho possível a maioria deles. As histórias sobre a origem dos acampamentos são várias. Os locais para construção dos acampamentos são muitas vezes distantes de suas casas. Sim, ter casa não é impedimento para que se pleiteie a terra via reforma agrária, embora por este motivo muitos sejam duramente criticados pela sociedade, condenados pela mídia. Portanto, escolher ser acampado e lutar pela terra é uma escolha no mínimo pesada para aqueles que em muitos casos, a única oportunidade de mudar de vida para melhor. De acordo com Gonçalves Honório (2005)

[...] Ocupar uma área não é tarefa das mais fáceis. Antes de tudo, é preciso se convencer e convencer sua família que se vive uma situação de injustiça inaceitável contra a qual é necessário lutar. Em seguida, é preciso vencer um medo real da violência que poderá vir dos latifundiários e, ou, da polícia do Estado. É preciso ainda saber que se está ocupando uma área sem conhecer ao certo quais serão os desdobramentos (GONÇALVES HONÓRIO, 2005, p. 150).

Sousa (2009) verificou-se que as famílias acampadas se encontram em situação de risco, seja pelas condições precárias debaixo das “lonas” pretas, quentes e úmidas, seja pelas picadas de cobras e ataque de outros animais e insetos, pelo risco constante de acidentes, sobretudo para os que se encontram nas margens das rodovias, e até mesmo pela exposição às agressões verbais, aos preconceitos e aos objetos atirados pelos carros, além das privações, a exemplo da insegurança alimentar.

Entre os acampados, há os mais diferentes perfis. Mulheres que sozinha lutam com seus filhos pequenos, homens com tradição de trabalho no campo, mas que no momento, sem terra e sem condições de trabalho. Meeiros, parceiros, arrendatários ou trabalhadores volantes, que sonham com a sua própria terra. Trabalhadores desempregados, jovens. Não há um perfil único para aqueles que lutam pela terra, o que pode significar uma realidade perversa para a sobrevivência das classes menos favorecidas neste país. E para permanecer nesta luta é preciso coragem, persistência, paciência.

As regras, a organização e as relações sociais nos acampamentos

A primeira saga dos acampados é construir os acampamentos, a estrutura física que ao mesmo tempo simboliza a resistência e presença 24 horas por dia na luta, também representa um novo lar, a materialização da vida familiar e novas relações sociais que se estabelecem, regras que orientam o convívio, tudo a partir de diferentes olhares, diferentes culturas, percepções e histórias de vida. O acampamento pode ser provisório, mas pode durar quase uma eternidade.

A construção dos barracos segue um padrão típico, que se dispõe em fileiras e próximos uns dos outros. E não por acaso, mas pela necessidade de união e segurança do grupo. O material normalmente utilizado é a lona preta, por ser de baixo custo e que pode ser sustentada a partir de materiais encontrados gratuitamente como troncos, vigas de madeiras e outros. Nos acampamentos da Região Leste, outros materiais são utilizados conforme disponibilidade, tal qual a palha dos coqueiros (Figura 1), muito comum naquela região. Importa mesmo é criar um espaço que abrigue da chuva e do sol, o mínimo de conforto, embora esta palavra seja incompatível com o calor da região e o pequeno espaço.

Figura 1: Material de construção alternativo, palha de coqueiros.



Fonte: fotografia do acervo pessoal da pesquisadora (2008).

Mas os barracos não são apenas lugares de passagem. Ali moram e vivem a família inteira, homens, mulheres, jovens, sendo observados de bebês recém-nascidos a pessoas idosos. E a estrutura é mínima, sem nenhuma possibilidade de saneamento básico ou acesso à iluminação e água. Tudo improvisado, um eterno improvisado na esperança de que logo sairão dali. Mas enquanto não saem, vivem como podem. Recriam as suas possibilidades, refazem suas estratégias de sobrevivência.

Estas descrições estão alinhadas aos estudos de Sigaud (2005):

Do ato da ocupação tendiam a participar preferencialmente os homens adultos; mulheres e crianças chegavam depois. A montagem da barraca sinalizava a participação no acampamento. Os indivíduos não permaneciam ali todo o tempo, pois a maioria não interrompia as atividades destinadas à manutenção da família, saindo para trabalhar nos canaviais, fazer biscates na construção civil, atuar como vigias ou vendedores ambulantes, catar caranguejos nos mangues etc., enquanto as famílias ficavam cuidando das

barracas. Havia ainda aqueles que passavam longos períodos fora, deixando a barraca fechada, sozinha, ou um parente ou conhecido tomando conta. Periodicamente retornavam e assim reafirmavam seus laços com os demais (SIGAUD, 2005, p. 258).

Aspecto curioso é perceber que há uma grande contradição em ser provisório e ao mesmo tempo não ser. Os acampamentos seguem a mesma linha de uma casa comum, onde muitas vezes as famílias cultivam alguns alimentos básicos nos arredores, tais como olerícolas, mandioca e outros. E ainda ampliam a ideia do lar, plantando jardim em volta dos barracos, com flores e plantas ornamentais, o que dá vida aquele espaço sem vida da lona preta.

Além da parte externa, internamente os barracos são planejados e organizados de modo a reproduzir a casa, com decoração que traz vida ao lugar, e em sua maioria, com rádios ou similares, que normalmente tocam o tempo todo para se conectarem com os acontecimentos ou simplesmente alegrar com a música (Figura 2).

Figura 2: Acampamentos reproduzindo o cotidiano



Fonte: fotografia do acervo pessoal da pesquisadora (2008).

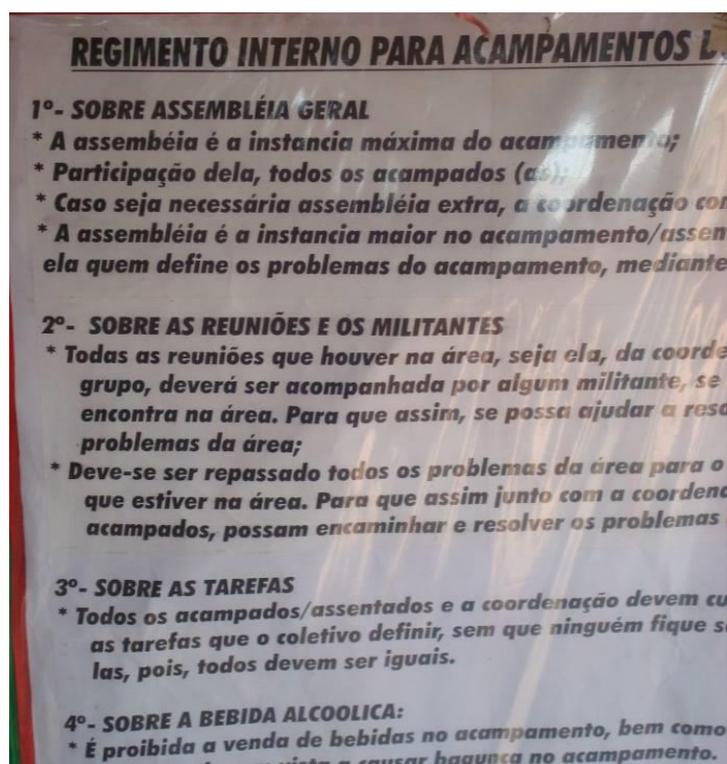
A vida diária no acampamento segue regras, regras estas que são apresentadas pelo próprio movimento social envolvido na organização do acampamento como também ampliadas pelos próprios acampados daquele lugar. Em um destes acampamentos, as regras e normas estavam visíveis a todos, como mostra a Figura 3.

Loera (2006) destaca que no acampamento e nas redes que nele se estabelecem, são observados compromissos e obrigações que se traduzem em atividades diárias dos acampados: “arrecadar alimentos, fazer trabalho de base e ocupações, participar de reuniões passeatas ou marchas”, além de compromissos individuais.

Um relato importante foi dado sobre as regras extras que são criadas. Entre estas, um acampado relatou que um colega foi expulso pela coordenação do acampamento porque estava sempre agredindo sua esposa, inclusive fisicamente. Mesmo diante das advertências ele não reagiu positivamente, não tiveram outra alternativa senão expulsá-lo do acampamento, passando a sua esposa então a ser a possível beneficiária da terra.

No acampamento há sempre reuniões não apenas para que discutam as estratégias de luta, espaço de formação, algumas vezes até escola, para receber visitantes do Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária - INCRA, realizar comemorações, entre outros. Os acampamentos sempre têm estes espaços de uso do coletivo (Figura 4).

Figura 4: As regras de convivência



Fonte: fotografia do acervo pessoal da pesquisadora (2008).

Figura 4: Espaço coletivo



Fonte: fotografia do acervo pessoal da pesquisadora (2008).

Para que possam sobreviver, estas famílias realizam atividades remuneradas por dia de serviço, quanto mais perto da cidade, maiores são as oportunidades. Os acampados recebem cestas básicas enquanto estão aguardando a reforma agrária, o que não é suficiente para a segurança alimentar destas. importante esclarecer que há revezamentos com o objetivo de permitir que o acampamento fique sempre sob os cuidados de um grupo enquanto outros trabalham.

Sigaud (2005) destaca esta divisão de trabalho e rodízios na busca por sobrevivência nos acampamentos:

Em todos os acampamentos havia uma divisão do trabalho organizada em comissões, como as encarregadas da segurança, que zelava pelo acampamento, sobretudo à noite, e da alimentação, que administrava o provisionamento dos participantes. Os movimentos tratavam de conseguir dos órgãos governamentais, sobretudo o Incra, mas também das prefeituras, dos vereadores e das igrejas locais, alimentos para os acampados, além de promover pedágios nas estradas para arrecadar dinheiro e coleta de gêneros nos estabelecimentos comerciais (SIGAUD, 2005, p. 258).

Em um dos acampamentos, um grupo organizado de mulheres produziam e vendiam artesanato (objetos decorativos) feitos a partir de conchas e outros materiais recolhidos. Todas as formas de sobreviver são consideradas. Mas ainda assim, a dificuldade é grande, sobretudo com respeito com relação à alimentação que precisam garantir diariamente. As mesmas dificuldades também foram observadas nos estudos de Sigaud (2005) e Loera (2006).

Acampamentos: Histórias sem fim

Durante o trabalho de campo, acompanhar a rotina das famílias acampadas, ouvir as suas histórias e presenciar momentos importantes foi um grande aprendizado não apenas para o registro etnográfico, mas para a compreensão da vida, do outro e sua realidade tão diferente. Aqui descreveria histórias sem fim, mas que na impossibilidade de alongar demais o relato, resumirei em algumas experiências marcantes.

Presenciei uma ação de reintegração de posse, na qual as famílias receberam do oficial de justiça o mandado de reintegração, ordenando que desocupassem aquela área. Neste momento há um ligeiro tumulto, mas logo há o silêncio. Parece que naquele silêncio ecoa o grito de quem terá que recomeçar do zero, noutro lugar. Terá que juntar os poucos pertences e seguir em busca de outra oportunidade. Deixar para trás as plantas bem cuidadas, a horta repleta, os improvisos que deveriam ser refeitos noutro lugar. Esta experiência mostrava claramente a tristeza em cada olhar e para, além disso, a dúvida pairava sobre o fato de que em algum momento ainda daria certo este sonho de ter sua própria terra.

Numa destas visitas, como de costume, o grupo presente no acampamento correu para me receber. E diante de muitas alegrias por ter alguém ali, embora nem soubessem bem pra que e nem porque, o grupo se desligou do fogão de lenha que estava aceso com uma grande panela preparada para cozinhar algo coletivo. De repente ouço o grito de alguém: Pega o cachorro, pega o cachorro! E para tristeza de todos nós, enquanto se distraíram com a minha presença, esqueceram o único alimento disponível para aquele dia, que era um mocotó que seria preparado para todos. O cachorro chegou primeiro, e levou sozinho aquilo que seria o almoço de todos. Sinceramente a minha tristeza foi maior, pois me sentia culpada por tê-los distraído. Mas já não havia mais volta, o cachorro longe seguia sem que ninguém pudesse alcançá-lo.

Uma mãe relatou que teve cinco filhos. E que naquele momento estava se recuperando da morte de um deles, com apenas alguns meses de vida. O motivo da morte, que trazia aos olhos daquela mãe lágrimas quase contidas, teria sido o fato de tê-lo deixado dormindo no barraco em um dia muito quente, enquanto trabalhava no roçado coletivo, bem ali ao lado. A E não suportando o calor, a criança desfaleceu. Embora tivessem tentado na beira da estrada buscar ajuda, não houve carro que pudesse levar ao pronto socorro, de modo que ali mesmo faleceu e ali mesmo fora enterrada. Relato muito triste, sobretudo quando uma mãe ouve de outra tal tragédia.

Entre os relatos, sempre remetiam aos estereótipos que recebiam de desconhecidos, a visão equivocada que as pessoas tinham deles, ao estarem vestindo a camisa dos movimentos sociais. A luta pela terra é permeada de estereótipos e muito do que se

conhece em geral é bem distante do que estar lá e ver de perto, conhecer. Mas para o campo eles pareciam oferecer ameaça. E por isso eram também constantemente ameaçados. Um dos acampamentos sofreu uma tentativa de homicídio, em que carros transitaram pela Rodovia e atiravam contra o barraco durante a noite. Felizmente ninguém se feriu, mas o medo era uma companhia constante. Outro acampamento teve seus barracos queimados durante a noite enquanto dormiam. Atearam fogo e fugiram, as palhas do coqueiro seca queimaram depressa. As famílias conseguiram fugir a tempo, mas perdeu todo o pouco que tinham naqueles barracos.

Presenciei um momento de revolta de um acampado, que chorava em desespero por não aguentar mais esta espera sem fim, a ausência de tudo o que gostaria de prover aos seus filhos e a sensação de abandono e descaso, a tentativa de buscar algum salvador. Gritava em alto tom que o INCRA não se preocupava com eles, que até mesmo o movimento social que organizava o acampamento estaria enrolando ele. Sem êxito. Ninguém ali podia fazer nada ao não ser ouvir seus gritos. Inclusive eu, que ouvia impotente aquele clamor, que talvez tenha sido motivado exatamente pela minha presença.

E minha presença ali era da pesquisadora, que nada iria fazer de concreto em favor de suas vidas. Ao mesmo tempo, longe de ser incômoda, minha presença parecia novidade, era alguém ali para ouvir suas histórias, para conhecer a sua realidade. E talvez por isso ali estivesse sempre prontos para me contarem tudo e sempre com muita alegria, sorrisos e uma agrado, mesmo que nada pudessem oferecer. E mesmo na certeza de que ali estava impotente, de explicar com muito cuidado o objetivo da minha visita, eu também tinha esperança de que algo um dia pudesse mudar. E esta esperança encontrou amparo e aconchego na fala de um senhor acampado, que me disse assim: “Não importa se a senhora agora não veio aqui fazer e nem trazer nada pra nós. Importa que a senhora agora conhece nossa vida, nossa história. E quem sabe um dia pode contar pra todo mundo, pra todo mundo saber como nois vive aqui e precisa de dar um jeito na vida. E quem sabe aparece alguém que escute isso e pode então fazer alguma coisa pra nois!”.

Considerações finais

O acampamento é um lugar que se constrói a partir dos ideais de luta pela terra e possibilidade de uma vida melhor. É um lugar único, que por mais que seja teoricamente um lugar provisório, traz em si as configurações de um lar permanente, com toda a sua estratégia de sobrevivência, relações sociais, histórias e memórias, que como experiência humana, que representa muito mais do que a localização espacial.

A experiência de estar no acampamento, vivenciar a rotina, ouvir as histórias das pessoas e do lugar, é incomparável, altamente singular. É ainda desafiador enquanto pesquisadora ouvir relatos tão fortes, tão pesados, face aos sujeitos de direitos, que são desprovidos da dignidade de viver bem, se sujeitando às mazelas do acampamento, em troca de um futuro que pode chegar tarde, ou não chegar com a sonhada reforma agrária.

Conhecer de perto os acampamentos traz a certeza de que há discursos muito distantes da realidade, sobretudo se forem relacionados à desqualificação da luta, do sem terra, do acampado, do acampamento, que muitas vezes é o único discurso distribuído gratuitamente e diariamente à sociedade. Traz ainda a certeza de que é preciso revelar esta realidade, cada vez mais, não apenas na academia, mas em todos os lugares possíveis. Os diversos estudos que retratam a realidade dos acampamentos de luta pela terra, suas dinâmicas, têm em comum suas configurações e estratégias. Mas é inegável que todos convergem na luta contra a má ou nenhuma distribuição de terras, de um capitalismo excludente e na tentativa de sobrevivência, entre as condições objetivas e as subjetividades da construção do ser social.

Por fim, este artigo pode apresentar o lugar acampamento como sendo o espaço geográfico e o conjunto de experiências vividas, que dão sentido e constroem a identidade dos acampados com a luta pela terra. De acordo com Loera (2006) na finalização de sua obra, o acampamento é o lugar onde se namora, se troca, se fazem bicos, se recebe ajudas, mas, também, é um lugar liminar, de passagem, onde se espera, onde, segundo os próprios acampados, “se sofre debaixo da lona preta” em busca de uma vida melhor (LOERA, 2006, p. 131).

Referências

- AGIER, Michel. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. In: NIEMEYER, Ana Maria de & GODOI, Emília Piatrafesa de (orgs.). **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os territórios urbanos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p.41-59.
- AZEVEDO, Francisco F. de. **Entre a Cultura e a Política: uma Geografia dos "currais" no sertão do Seridó Potiguar**. Uberlândia: UFU/IG/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2007. Sitiantes do Nordeste. São Paulo: HUCITEC, 336p. (Série Estudos Rurais 13).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad líquida**. 6. ed., Buenos Aires: Grafimor S. A., Fondo de Cultura Económica, 2002. 260p.
- BECKER. Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- CANEVACCI, Massimo. **Dialética do Indivíduo** . 2. ED. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1984.

CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981. 509 p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. SP: Unesp 2000.

FRANCO, Maria Garcia. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Presidente Prudente-SP, 2004.

GONÇALVES HONÓRIO, R. C. Acampamentos: novas relações de gênero (con)fundidas na luta pela terra. **Lutas Sociais**, n. 13/14, 2005, p. 147-159.

IHA, Mônica Hashimoto. **Territorialidade da “posse” na luta pela reforma agrária: os Acampamentos do MST em Iaras (SP)**. 2005. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2005.

LOERA, Nashieli. **A espiral das ocupações de terra**. São Paulo-SP: Polis; Campinas: CERES, 2006.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A geografia das lutas no campo**. 13 ed., São Paulo-SO: Contexto, 2005. 128p. (Coleção Repensando a Geografia)

RELPH, Edward. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p.1-25. 1979.

SIGAUD, Lygia. A forma acampamento: notas a partir da versão pernambucana. **Novos Estudos Cebrap**, n. 58, 2000, p. 255-279.

_____. As condições de possibilidade das ocupações de terra. **Tempo Social**. vol.17 no.1 São Paulo June 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100011>. Acesso em: 26 de maio de 2020.

SOUSA, Júnia Marise Matos de. **“Do acampamento ao assentamento: uma análise da reforma agrária e qualidade de vida em Sergipe”**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2009

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. **Os filhos da lona preta: notas antropológicas sobre a sociabilidade e poder em acampamentos do MST no Estado de São Paulo**. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1999.

Sobre a autora

Júnia Marise Matos de Sousa. Graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) (1999), mestrado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) (2003), doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) (2009). Professora do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). **Orcid**: <https://orcid.org/0000-0002-4165-7055>

Como citar este artigo

SOUSA, Júnia Marise Matos. Acampamentos de luta pela terra: os lugares da resistência. **Revista NERA**, v. 24, n. 59, p. 176-191, Dossiê, 2021.

Recebido para publicação em 20/09/20
Aceito para a publicação em 10/06/21